**Giulia Barbucci**

**Vice-presidente**

**do Comité Económico e Social Europeu (CESE)**

***Discurso inaugural***

Bruxelas, 29 de outubro de 2020

****



Sinto-me muito honrada por ter sido eleita vice-presidente do CESE e agradeço, desde já, a todos os membros do Comité, ao meu grupo e, em particular, a Oliver Röpke, o seu voto de confiança. Deixo também uma palavra de reconhecimento para a Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL),organização que é a minha casa há já trinta anos e onde tive a oportunidade de aprender e de me realizar profissionalmente.

Estou consciente da grande responsabilidade deste cargo no período difícil que vivemos, e asseguro-vos de que tudo farei para retribuir a confiança que em mim depositaram.

O momento que atravessamos não tem paralelo na história europeia e mundial. De Norte a Sul, de Leste a Oeste, a humanidade confronta-se com uma crise profunda que desvela dramaticamente a fragilidade da vida humana face a um micro-organismo que ainda não conseguimos vencer – mas que venceremos!

Pela primeira vez na sua história milenar, a humanidade vê-se forçada a realizar uma série de atividades humanas e sociais sem contacto físico, sem presença, sem relações humanas diretas. Aprendemos a viver uma vida «virtual», que transformará profundamente, e do ponto de vista antropológico, a nossa essência enquanto homens e mulheres.

O desafio da nossa geração é enfrentar a realidade que temos em mãos e encontrar soluções.

A pandemia deixará atrás de si um mundo certamente diferente, mais pobre e mais desigual, porque a crise está a atingir todos os setores da economia mundial.

Quando quase toda a Europa vivia o seu primeiro confinamento, e se contemplava com admiração os heróis da pandemia, acreditámos que a crise nos ensinaria a ser melhores e constituiria uma excelente oportunidade para mudar tudo quanto se revelara errado na sociedade pré-COVID-19, todas as falhas de um sistema económico concebido para beneficiar uns quantos, deixando para trás tantos outros. Hoje, na iminência de um segundo confinamento, perguntamo-nos se será mesmo assim. É certo que a UE não regateou esforços ao avançar com uma série de planos de investimento, mas ainda falta tornar o trabalho e as pessoas o elemento nuclear das políticas da União.

É, precisamente, aqui, neste esforço de colocar o trabalho e as pessoas no centro das políticas, que o CESE pode desempenhar um papel importante. Assim, são extremamente atuais as razões que estiveram na base do nascimento do Comité em 1957, quando se decidiu proporcionar à sociedade civil organizada um espaço institucional consultivo que permitisse ter em conta a sua opinião nas escolhas políticas e legislativas futuras de uma comunidade de Estados europeus.

Por conseguinte, somos um elemento da participação democrática e devemos assumir essa responsabilidade com grande seriedade, sobretudo na fase histórica atual, em que a democracia representativa é duramente atacada e atravessa uma crise de credibilidade.

Devemos persuadir os cidadãos europeus de que, mesmo no auge desta crise aguda, a União Europeia continua a ser um projeto político, social e cultural positivo, e de que é necessário perseguir e defender este nosso modelo ímpar – o modelo social europeu –, que é, de facto, o único capaz de conter os custos humanos e sociais da pandemia.

A Europa deve voltar a ser um lugar onde é possível melhorar as condições sociais de cada cidadão, criando emprego de qualidade, abrindo o mercado de trabalho aos jovens, aos desempregados, aos trabalhadores precários. E, sobretudo, às mulheres: a paridade de género constitui uma pedra basilar da sustentabilidade social, pelo que temos de fazer mais nesse domínio.

Também nós devemos fazer a nossa parte, trabalhando num espírito proativo, procurando soluções consensuais e inovadoras para os problemas das pessoas que representamos e para as empresas, que serão o motor do crescimento sustentável.

Temos, portanto, um grande desafio pela frente. Lamentavelmente, caros colegas, tudo isto sucede num momento em que o CESE se vê a braços com uma crise de credibilidade e de imagem. Como bem sabem, o CESE depende da Comissão Europeia, do Parlamento e do Conselho para obter os seus recursos financeiros. Por isso, a boa reputação do Comité é fundamental para reforçar a sua posição e as suas possibilidades de sucesso nas negociações do processo orçamental.

Agora, cumpre-nos definir com clareza as bases que nos permitirão evitar os erros cometidos no passado. Devemo-lo, sobretudo, a nós próprios e a quem trabalha no Comité.

Enquanto presidente da CAFO, tudo farei para garantir um orçamento sólido, que sirva o trabalho político dos membros e assegure a gestão adequada das despesas, bem como a correta distribuição dos recursos disponíveis, otimizando a sua eficiência.

Espera aos novos membros um trabalho difícil: a COVID-19 limita a possibilidade de nos deslocarmos, enquanto, ao mesmo tempo, os objetivos estratégicos da Comissão exigem que continuemos a exercer o melhor possível a nossa função consultiva e a responder positivamente ao trabalho conjunto que devemos realizar com as instituições da UE.

Para alcançar tudo isto, teremos de estar mais unidos do que nunca. Estou disponível para colaborar com todos vós e conto com a colaboração de cada um, no interesse exclusivo e superior do CESE e daquilo que representa.